

Galeria dos Estados às moscas

DF Comércio JORNAL DE BRASÍLIA 15 ABR 1999

Os comerciantes da Galeria dos Estados, localizada entre o Setor Comercial e o Setor Bancário Sul, já não sabem mais o que fazer para manter as lojas funcionando. Desde maio do ano passado, com o início das obras do Metrô, eles sofrem com a falta de clientes devido à interdição da passagem que dá acesso à galeria. Essa é a maior crise que os comerciantes vivem desde a inauguração do comércio, em 1979.

Para se ter noção da dificuldade que os comerciantes estão passando, o chaveiro Arthur da Costa Teixeira, 60 anos, abriu a loja às 8h da manhã, como faz há 20 anos, e até as 15h30 ainda não tinha recebido a visita de nenhum cliente. “Ontem, no final da tarde, consegui pegar um serviço de R\$ 2,00”, lamenta.

Com as prateleiras da loja vazias e sem trabalho para fazer, seu Arthur fica contabilizando as dívidas e lembrando a época em que os quatro empregados que tinha, e foram demitidos, mal davam conta de tanto trabalho. “Não sei até quando vou agüentar”, desabafa.



O chaveiro Arthur Teixeira e sua loja: sem trabalho, sem lucro

Como Arthur, os comerciantes das 38 lojas da galeria estão se virando como podem para resistir aos atrasos das obras do Metrô e garantir o ponto, que será privilegiado quando os carros estiverem rodando nos trilhos e os tapumes forem retirados.

Muitos lojistas não resistiram à queda nas vendas e fecharam as portas, como é o caso da Prosport.

Uma placa pendurada na fachada informa ao cliente que o estabelecimento está fechado e reabriria em outubro de 1998, data que tinha sido estabelecida pelo GDF para conclusão dos trabalhos na galeria.

Até hoje, o problema não foi resolvido e o proprietário da loja, Rodolfo Egler Nogueira, diz que só volta quando a passagem for reaberta. “Ninguém passa por ali.

Sem a passagem não há movimento e sem movimento... como a gente faz?”, questiona.

Além do inconveniente das obras, os comerciantes da Galeria dos Estados estão tendo de lidar com traficantes de drogas, com a prostituição nos arredores da galeria e com a sujeira deixada por mendigos que usam as escadarias e paredes como banheiro. “Na segunda-feira de manhã, isso aqui é um suplício. Ninguém agüenta o mau-cheiro e o que a gente recolhe de camisinhas é impressionante”, revela a presidente da Associação dos Comerciantes, Maria Inês Fontenelli Mourão.

Na próxima segunda-feira, o secretário de Obras, Tadeu Filippelli, o secretário de Segurança, Paulo Castelo Branco, e representantes do SOS Criança vão visitar a galeria e assinar um protocolo de intenções para resolução imediata dos problemas e ativação da passagem que liga o Setor Bancário ao Setor Comercial Sul.

DANIELA MENDES

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA